IZABEL GONDIM

A LYRA SINGELA

1933
EDITORIAL DUCO
RUA GENERAL CAMARA, 125
RIO

Instituto Histórico e
Geográfico do Rio
Grande do Norte
Nº Reg. 21.033

A QUEM ME LER

Creada fóra do bulicio da sociedade, no retiro de modesta e aprazivel casa de campo, após o tirocinio escolar na mesma, sob a direcção dos meus progenitores, tomei por distracção a leitura, que pouco a pouco foi-me conduzindo ao estudo das materias mais necessarias ao desenvolvimento das idéas, e ao qual seguiu-se logo o da acanhada literatura que então me podia ser accessivel.

Ahi, circumscripta a esses estreitos limites, onde raramente penetra o luxo de applaudidos divertimentos, e quasi passa despercebida a moda que tanto preoccupa a attenção das aspirantes á elegancia, para realce da natural belleza na quadra da mocidade, votei-me durante algum tempo á cultura das lettras, embora sem a regularidade e o aperfeiçoamento indispensaveis.

Desde logo attrahida pelo estylo florido, me enlevava em todos os generos da poesia portugueza, sem que me preoccupassem as regras da versificação, cujo proveitoso conhecimento só mais tarde busquei aprofundar. Todavia, abalancei-

me a metrificar sobre as poucas impressões colhidas na placidez do meu monotono viver.

Provindos dessas tranquillas horas de innocente distracção, meus despretenciosos versos, colleccionados sob o titulo — "A Lyra Singela" —, são, apenas, imperfeita lembrança das poucas imagens que fantasiava e que revestia, menos pelos arroubos da imaginação do que pelo influxo do pensamento.

Circumstancias especiaes decidindo-me a affrontar as arduas e graves occupações do magisterio publico, me vi constrangida a abandonar, quasi inteiramente, as locubrações litterarias, abstrahindo-me de tudo quanto não era concernente á minha profissão. Apenas, a longos intervallos, addicionava ás primeiras algumas outras composições, tendo, aliás, depois de haver deixado o effectivo exercicio do magisterio publico, abordado trababalhos de maior transcendencia, relativos á historia patria, ainda que de envolta em grande parte com o magisterio particular de que não pudera prescindir.

A' falta de tempo para corrigir e coordenar outros escriptos de agora, dou á publicidade este pequeno volume — "A Lyra Singela" — embora convicta da deficiencia de requisitos das respectivas composições.

O leitor discreto e consciencioso, julgando este

nosso modesto livro em face do exposto, será indulgente para com a

AUTORA.

Natal — 1912.

ADEUS A PAPARY

(Dedicado aos meus conterraneos Paparyenses)

Adeus, ó plaga mimosa,
Onde vi a clara luz;
Novo assento a estranho solo
Da sorte um revéz me induz.

Os dias da meiga infancia
Neste teu seio vivi
E, do jardim da existencia,
As primas flores colhi.

Se assisti prazenteira
Da vida a aurora raiar,
Mais feliz a juventude
Podia aqui divisar.

De suas plagas ausente,
Que me aguarda no porvir?!...
Entre sorrisos, folgares,
Sempre a saudade a pungir !

Sinto, céos, a alma oppressa.
Que martyrio cruciante !
Do torrão nativo em breve
Estarei longe, distante !

Vou confrangida deixal-o!
Jamais... jamais hei de ver
A graça, os dons, a virtude,
Assim encantos tecer.

Vejo, contemplo, enlevada,
Como realça a belleza,
Os singelos atavios
Da fecunda natureza.

Tapiz virente lhe esmalta
Todo o vasto, immenso prado,
De roseas, bellas florinhas,
Lindamente matizado.

Os frescos ares amenos
Satura grato perfume;
Na posse dos plenos dotes
O garbo, o valor assume.

A brisa torna ondulante
Da fonte o puro crystal;
Extensos lagos argenteos,
Talvez não tenham rival.

Que saboroso pescado
Nesses lagos, breves mares!
Em torno, ao peso dos frutos,
Curvam-se ricos pomares.

De tudo o que me circumda
Guardo no peito a saudade...
Deixo da infancia os affectos,
Sincera, funda amizade!

Destes penosos embates
Nos afflictivos momentos,
Fraternaes, amigos seios
Me amenisam soffrimentos.

Possam taes zelos, cuidados,
Trazer-me á mente repouso,
Lenir as maguas pungentes
Deste meu peito inditoso.

Não lastimo a minha sorte
Na futura solidão;
Mas sentirei a saudade
No meu triste coração.

Saudade! flor solitaria
Que no meu peito cultivo,
Serás dest'alma enlutada
O mais terno lenitivo.

A' SAPHO

(Ao Dr. Isaac d'Albuquerque Gondim)

Portento raro da cultura hellenica,
No céo da gloria fulgurante estrella,
Cada corôa que cingiste á fronte,
Prenda maior devias merecel-a.

Gratas torrentes de harmonias magicas
Jorrou teu estro sobre o vasto globo !
Vencem altivas a eversão dos seculos,
Novas na forma e no pujante arroubo.

Das flores raras dos jardins poeticos
Só a essencia aspiraste, o grato aroma;
Da accorde lyra ouvi a ode saphica,
Cuja belleza peregrina assoma.

Irmã de Homero, tal como a este vinha-te
A inspiração, em leves auras puras :
Nas largas horas, divinaes momentos,
Alçaste o estro a divinaes doçuras.

E essa Lesbos, famosa patria insula,
Só por ser teu berço fez-se grande;
Que lindos carmes o tanger mirifico
A alma de eleição sonora expande ?!

Oh! genio illustre de valor altisono,
A quem a Grecia rendeu honroso preito,
Porque sonhaste com o amoroso Enlevo ?
Porque sonhaste-o num gelado peito ?

O indigno Phaon que assim mostrara
Affectos tantos de ternura immensa,
Jamais devia na indifferença agreste
Sorver effluvios de amorosa crença.

Do meigo enleio na defesa rude,
Devia a desprezada mesma pena oppôr,
Mas aquelle coração angelical
Estava preso por intenso amor.

Porque não pediste a harmoniosos cantos
Um lénitivo a tão cruel desdita ?
E, do Leucate no revolto pelago,
Buscaste a morte desastrada, afflicta ?

A Grecia viu, porém, no lance tetrico
Das sabias lettras em declinio a idade;
Com ella volvo tua historia tragica,
— Tua memoria evoco com saudade!

NATAL — 1875.

A SAUDADE

(A minha sobrinha e afilhada, a pequena Isabel, em sua estada com os paes no Piauhy)

— I —

Filha mimosa da sentida ausencia,
Saudade, ó planta que vegeta n'alma !
O terno peito, o coração sensivel,
Doce alimento á recordação amiga,
Caro objecto dos extremos nossos !...
— Dourado élo da cadeia assente
Nos verdes, lindos e singelos páramos
Em que de affectos brinca o sentimento
Com as sombras castas de sorriso ameno,
Entre os accordes de macias falas,
Dispersas, soltas no azul diaphano,
Ao leve sopro dos galernos ventos,
Que o espaço intermino refrange
E o ouvido attento docemente affaga.

Silencio !... escuta, num ditoso extase,
Dos roseos labios da feliz ventura

Os olhos d'alma de belleza ornada,
As magas phrases que a amizade exprime,
E vão perder-se lá no immenso vacuo,
Onde nunca assás repercutidas, nunca
Ridentes foram neste sonho breve
Do peito amigo que revive noutro,
Que lhe prescruta todos os arcanos,
Vasto oceano de cristallinas aguas :
O pensamento, o sentimento, os gozos
Flores virentes da estação mais bella
Ao céo roubada nos momentos gratos
E que reflecte a exaltação soberba,
Os sonhos magicos, de caprichos ledos
Que em extremos gratos sem dormir sonhara !
Teu vasto alcance vejo além: saudade !

— II —

E esta planta que assim cresce e viceja,
Bipartidas raizes, tão profundas,
Amigos corações, distante, unindo,
Pela dôr, pela tristeza bafejada,
Exhalando em suspiros quanta magua ?!
Terna, sentida, da sentida ausencia
Que revestira da saudade o nome
As amarguras tão pungentes, acres;
As penas todas do saudoso peito,
Sempre tocadas do sentir mais d e,
Breve mudara em perennal doçura,

Gratos momentos de melifluos gozos.
— Da singela amisade, meiga e simples,
Quão pura é a essencia de singela alma,
Nos céos fundida pela mão dos anjos,
E entre os beijos seus e seus sorrisos
Logo vasada no terreno espaço,
Para dos homens ser constante allivio,
Mimosa planta, na bondade immersa,
Consoladora sempre, e mensageira,
— Nuncia d'affectos, e saudade amiga!

— III —

Tu, innocente, meu querido anjinho
Que, tão distante, dos passados tempos
Guardas no seio fragil, tão mimoso
A flor singela, breve emmurchecida,
Dos meus carinhos amorosos, puros,
Reúne ás tuas as saudades minhas,
E esta pagina acolhe em pranto envolta,
Sem que procures entendel-a agora,
Nesta idade innocente dos brinquedos,
Folha arrancada dos arcanos d'alma,
D'alma saudosa que jamais esquece
Os teus affagos e saudosos beijos
E em ti vive, em ti pensa, em ti reflecte.

Vejo-te o riso pueril, suave.
Sentimento algum lhe foi tamanho

E ao ser humano em seu proveito, dado !
— As maguas todas, e pesares fundos,
O terno canto, ó desbotado riso
Do coração nas fibras doloridas
Encontram echo, salutar conforto...
Amo a saudade pesarosa e triste
E suas dôres embalsamo nalma.

NATAL — 1° de janeiro de 1884.

A' Memoria do Padre João Maria Cavalcanti

Paira tranquillo na mansão dos justos
O Padre santo, modelar exemplo;
Os altos dotes e as virtudes gradas
Seu nome exalçam, da choupana ao templo.

Pranto saudoso acompanhou-o á campa
Que seu despojo material encerra.
Nos peitos nobres terá sempre um culto
E um altissimo altar em nossa terra.

Ao albergue humilde e ao tugurio pobre
Levava sempre consolador conforto,
Por isto o povo delle se apartando
Fez de seu tumulo sacrosanto horto.

As flores candidas que nos brotam d'alma
E aquellas outras nos vergeis colhidas
Soltas, esparsas seu perfume evolam
No viço puro cada vez mais lindas.

Do sacerdocio intemerato apostolo,
Amou a todos com extremoso amor.
Ao padre e ao santo de homenagem digno
O preito d'alma venho aqui depôr.

A MINHA INFANCIA

(A' estremecida Mãe D. Isabel Deolinda Gondim)

No jardim da rosea infancia,
Pousei ditosa entre as flores,
Sem haurir-lhes a fragancia,
Nem visar as lindas cores.

A' meiga face a puericia
Sua graça reflectiu,
Da innocencia a caricia
Aspirou e desparziu.

Da risonha adolescencia
Um doce beijo as murchou,
E os albores da sciencia
Uma a uma as desfolhou.

O sopro da juventude
Após de todas varreu;
A' bella flor da virtude
A minha alma se acolheu.

O seu encanto, o seu brilho,
O que outr'ora fruí,
Canduras d'alma innocente,
Tudo da infancia perdi.

Naquelles dias risonhos
Como vivera feliz !
Que doce enlevo! que sonhos
Nos brincos meus infantis !...

Das bonecas a mais linda
Que cuidadosa vestia
Memoria conservo ainda,
De innocencia e poesia.

Todo o prazer e alegria,
Que neste tempo se goza,
Trocara por um só dia
Da minha infancia ditosa.

Que triste, funda saudade
Acorda-me essa lembrança !...
Não volve jamais a idade,
A meninice, a esperança.

A vida, em todo o seu brilho,
Attrahiu-me o coração;
E, da virtude no trilho,
Todo o prazer vi então.

Julguei por mim a ventura
Vê-la em noite enluarada,
Mostrando aquella doçura
Que a torna tão desejada.

Mas entre agudos espinhos,
Sempre, constante, a diviso!
E jamais por seus caminhos
Talvez me aflore um sorriso!

Na terra ingrata, a virtude
A todo mal subsiste;
A prazenteira attitude
Faz alegre a quem é triste.

Dos primos annos da vida
Recordo a felicidade,
E dessa quadra volvida
Sinto pungente saudade !...

AS CIDADES

. . . . . .

A cidade alli está: sob seus tectos
Paira dos arsenaes o fumo espesso,
Rolam na rua da vaidade os coches,
E ri-se o crime á sombra do progresso.

. . . . . .

L. N. FAGUNDES VARELLA.

No ideal portentoso
Que cedo phantasiei
As grandes, cultas cidades,
Transcendentes divisei;
Sempre as vira retratadas,
De graças ledas toucadas,
Pela ventura affagadas...
Quanto, porém me enganei.

São vergeis gratos, floridos,
Ninguem ousa contestar...
Attrahem, encantam, seduzem,

Os que lhe vão aspirar
Os delicados odores
Das mimosas, lindas flores
Que desvelados cultores
Fazem lá desabrochar.

Tudo é riso, festa e galas;
Tudo imponente e gentil;
Mas ao contacto dos mimos
Pendentes do mesmo hastil,
Oh! céos... Horror!... Quanto espinho
Faz o contraste mesquinho
Do enganoso caminho
Que vimos só de perfil.

A lisonja lá se ostenta,
Da singeleza rival;
O crime, as paixões agita
Nefando genio do mal
Que sinistra face occulta,
O merito, a honra sepulta,
E, nessa vilesa estulta,
Por um impulso fatal.

Fujamos dessas cidades...
Longe do seu esplendor!
Alli imperam os vicios,
Falha a virtude, o valor...
Brilham as phrases polidas

Pelo engano revestidas,
E muito embora applaudidas
Vejo-as com fundo pavor.

Eis das cidades o esboço,
Como as quizera pintar,
Fujamos dellas, fujamos,
Velozmente, sem parar.
A vista quando suspensa
Dessa opaca nuvem densa,
Nos mata a fé e a crença
Do nosso lêdo sonhar.

Natal, 1870.

O MEU RETRATO

(Aos 24 annos de idade)

Offerecido ao prezado Irmão Dr. Manoel Urbano d'Albuquerque Gondim

Morena. Rosea tez macia e fina;
Estatura mean, busto delgado;
O corrido cabello acastanhado
Com a sobrancelha e olhos se combina.

No andar a singeleza predomina.
O talhe esbelto, o porte concentrado;
Pescoço alto; nariz, rosto tirado;
Na terna voz frescura crystalina.

Labio rosado, a côr viva e segura,
A fronte larga e alta, a bocca estreita;
As mãos... assim; sadia a dentadura.

Aos preconceitos do tempo pouco affeita :
Eis esboçada aqui minha figura,
Não sei se verdadeira ou contrafeita.

AS MANHÃS NO SITIO DAS QUINTAS

Quando a aurora resplendente,
Trajando seu roseo encanto,
Das negras sombras ao manto,
A face vem libertar,
Minh'alma neste retiro,
Sem distracções, torturada,
Ao isolamento votada
Se deixa além concentrar.

Nas horas tão deleitosas,
Em que fagueira a natura,
Com amenidade e frescura,
Nos sorri ao coração,
Volvendo o quadro sombrio
Desta minha escura vida
Quão inditosa, aborrida
Aqui se desdobra então!

*
* *

D'antes, o canto das aves
O meu somno desprendia,

Pela suave melodia
Dos seus gorgeios suaves.
E' que nos limpidos ares
Sempre da aurora diviso
O meigo aspecto, o sorriso
Que precede a luz do dia;
E aqui, no exquisito sitio,
Onde me arrojou a sorte
Fana-se ao sopro da morte
A linda flor da alegria.

Como o destino implacavel,
Nessa rapida mudança,
A lisonjeira esperança
Do melhor porvir desfez?!
Sem deixar vestigio, traços
Da esplendida orla brilhante,
Que ao menos um só instante
A distinguisse outra vez!

Como poderam resaibos
De funda taça mesquinha,
O doce riso qu'eu tinha
Tolher, de todo apagar?!
E nos meus labios convulsos
Verter constante amargura!...
A minha sorte perjura
Como assim poude mudar?!
Se misturavam odores,

De tantas cheirosas flores,
Os seios a embalsamar.

Aureos sonhos me embalavam
Do repouso, sem lamento!
A vida em meu pensamento
Accordar vinha o prazer;
As visões ledas que tinha
A' memoria reflectia,
Momentos então fruia
Do sonoro entardecer!

Como a flor nasce viçosa,
Murcha e triste assim fenece,
O prazer surge, decresce
E lentamente se vae,
Nos legando dos seus mimos
Doce, inextincta lembrança
Que na saudade descança
E na saudade se esvae.

As idades tripartidas
Flor, innocencia e candura,
No regaço da ventura
Quanto ditosa passei?!
Sorvendo, em haustos, a briza
Nos ferteis campos amenos
Daquelles lêdos terrenos
Que tão saudosa deixei!...

Tudo, porém, transformou-se!
Não ouço o canto das aves;
Aromas puros, suaves
Não os senti, nunca mais!
Áquellas placidas horas,
Da vida em calmo repouso
Mudou-se o bando alteroso
Em negros sonhos fataes!

Inda quasi mal desperta
Attrahe-me a luz vacillante,
E se a vontade um instante
Os pezares concentrou,
Recalca-os dentro do peito,
Do alvorecer todo o encanto
Precipita, solta o pranto
Que essa magua me infiltrou

Immersa em funda tristeza,
Tudo que existe ou que vive
Essa lei fatal sugeita!
— Nasce o dia — a luz perfeita
Logo a noute vae cobrir,
Mas as sombras adormidas
Reflecte os sonhos dourados...
Poderei aos negros fados
Em breve tambem trahir.

Quintas — Março de 1864.

A SOBRINHA CANDIDA GONDIM CABRAL

(No transpôr da infancia á puericia)

De airosa belleza teu garbo diviso!
Te aflora o sorriso nos labios, na mente;
E a aurora dos dias felizes, ditosos,
Preside-te os gosos da vida innocente.

Por ella correndo gracil, descuidosa,
Em busca, mimosa, do breve porvir,
Trescalem perfumes os largos caminhos,
Por onde os anjinhos te fazem seguir.

Suaves, macios, floridos, traçados
Nos vividos prados de sombras amenas,
Ethereas canções de accordes risonhos,
Embalam-te os sonhos em notas serenas.

Assim revestindo teu meigo semblante
Rebento incessante de fausta ventura,
Em extasi possas sorrir aos arcanos,
De placidos annos em doce procura.

De airosa belleza teu garbo diviso!
Te aflora o sorriso nos labios, na mente,
E a aurora dos dias felizes, ditosos
Preside-te os gosos da vida innocente.

De affectos, caricias, constante embalada
Na esplendida estrada do teu horisonte,
A sorte propicia jámais se transmude,
E a flôr da virtude refulja-te á fronte

Gentil, odorosa, daquella fragancia,
Que volve da infancia p'ra novos jardins,
Ahi de teus passos o éco mui brando,
O amor vae lembrando dos mais cherubins.

E o que aspirares dos bens sublimados,
O premio, os legados te sejam amenos
De tanta candura, bondade, innocencia,
— Purissima essencia dos anjos terrenos.

Natal, Abril de 1893.

Á DESPEDIDA

(Do Irmão 1.º Cadete João Carlos d'Albuquerque Gondim, com destino á Escola Militar, no Rio de Janeiro)

Como, contente, obedeces
Ao teu destino fatal!
Por outra que não conheces
Deixas a terra natal!
Ahi, da ausencia aos rigores,
Quantos sagrados penhores
De santa e pura affeição?!
— Os ternos paes carinhosos,
— Os teos irmãos extremosos
Na maior consternação!

De nossa doce amisade,
Inda não interrompida
Pela pungente saudade,
Após magoada partida,
Despedaça o forte laço,
Esse apertado abraço
Que comprime nossa dor,

OS MEUS SOFFRIMENTOS

. . . . . .

Neste pobre cemiterio
Quem já me dera um lugar:
Esta vida, mal vivida
Quem já me dera acabar!
Neste pobre cemiterio
Quem já me dera um lugar.
GONÇALVES DIAS.

Já feliz, tão vigorosa
Colhera a vida entre flores,
Hoje enferma e desditosa,
Alquebrada pelas dores,
Vejo afflicta a copia escura
Dessa fatal desventura.

Perdi os mimos da sorte!...
Fraca, tristonha, abatida
A pallida e fria morte
Sinto minar-me a vida
Nos transes duros, cruentos,
Dos atrozes soffrimentos.

Neste escabroso caminho
Que a existencia me percorre
Oh! quanto, quanto definho!...
Como em cada instante morre
A doce, grata centêlha
Que a luz aos olhos me espelha.

Da morte o sombrio aspeito,
Não me faz tremer — Oh, não!
E quando na mente ageito
A sua triste mansão,
Fallam meus labios : Bem sei,
Em breve alli estarei ! —
Venha, oh! venha sem demora,
Sem horror, sem agonia
Essa minha extrema hora,
Esse meu tragico dia..."
Já quizera repousar
De tanto acerbo penar.

O MEU LIVRO D'ALMA

(Ao estremecido Pae Cel. Urbano Egydio S. Gondim d'Albuquerque)

Num ceo de arroubos tapeçado, lindo,
Volvo, sorrindo-lhe, o meu livro d'alma;
Nas breves folhas contemplando a vida,
Ora escondida na serena calma.

Da leda quadra de infantil bafejo
Saudoso beijo despontou-lhe a flor;
A' face amena de attractivos tantos
Visei encantos, lhe aspirei o odor.

Fallam-me os livros, de mysterios puros,
Nelles, seguros, só affectos via;
Todo meu peito, no mais fundo arcano,
O gozo ufano desse amor sentia.

Que doce enlevo! saboroso trago!
Se algum affago pela sciencia tinha!
Entre os espinhos de geniaes favores
Colhia as flores da ventura minha.

Crueis fadigas da mental carreira
Quão prazenteira as affrontei constante!...
Sem uma tregua, na renhida lucta,
Oh! resoluta seguirei avante!

Sempre extremosa consagrei-lhe as crenças,
Tantas!... immensas que minha alma encerra;
Ai nunca... nunca lhe serei esquiva,
Emquanto viva transitar na terra.

A ENFERMA

. . . . . .

A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido

. . . . . .

. . . . . .

Immersa na angustia, na dor mais profunda,
O pranto a inunda! suffoca-a o lamento!
No aspeito magoado do pallido rosto,
Se estampa o desgosto de atroz soffrimento!

Outr'ora assomava risonha, altaneira,
Da quadra primeira no sonho feliz;
Do porte surgiam-lhe as flores da graça
Que doura, entrelaça perfeito matiz.

Mas hoje diversa... Oh, ceos ! que tristeza !
Lhe occulta a belleza, do doce semblante
Ridente melhora ao soffrer sobrevenha...
Perigo não venha! não venha um instante!

A pura saude... do lirio, da rosa
A face ostentosa semelhe na cor;
Aos flacidos membros tranzidos, poupados
Ao leito obrigados, anime o vigor.

E o seu organismo robusto, sadio,
Sem ter um desvio que ao todo lhe affecte,
Triumphe do morbus na sã evidencia,
A triste apparencia não mais se projecte.

IMPRESSÕES DA MINHA TERRA

(Ao Sobrinho João Baptista Gondim)

Que risonha perspectiva,
Quadro de eximio pincel
Nas lindas plagas brazileas,
Da minha infancia vergel
Traçou propicia a natura?!
Realçando todo o portento,
Molda-lhe o magico assento
Sob o ceruleo docel.

Da relva grata, florida,
Vasto, infinito tapiz
Se exalça, adorna, atavia,
Com variegado matiz,
Em seu cambiar sereno
De recamos multicores
Das singelas, muitas flores
Tão perfumosas, gentis.

Das ledas galas donosa
Excita, evoca o prazer!...

Fascinante, amena e rica
Quem a pode descrever?!...
De predicados immensos,
Por attrativos ornada,
Canta e vive no meu sêr.

Os seus mimos, seus encantos
Despertam viva emoção.
Que transporte! Doce enlevo
E' sua contemplação!...

E nesse arroubo ineffavel,
Nessa ditosa investida,
Mais presa lhe tenho a vida,
Votado meu coração.

Natal — 1930.

A JOVEN AMIGA MARIA LUIZA D'A. MARANHÃO

Sorriso, encanto, singeleza, graças,
Nunca desfaças no volver dos annos;
A nivea c'rôa da virginea fronte
Sempre desponte em juvenis arcanos.

Affaga os sonhos prazenteiros, lindos,
Sempre provindos do materno amor,
E ao santo orvalho da virtude erguida,
Percorre a vida num jardim em flor.

Se um dia o tempo em seu andar erguido
Houver trahido teu gentil semblante,
Relê as phrases que tracei amigas,
E após consigas luminoso instante.

Outubro — 1891

RECITATIVO

Pediste-me as flores de grata harmonia,
A doce poesia fallando ao prazer;
As flores somente que vejo deante,
Aqui neste instante me deste a colher.

Tão lindas, mimosas, olentes e bellas,
Me vêm todas ellas a vista affagar;
Seu cheiro suave e as cores festivas,
Em notas altivas não posso cantar.

Nascidas de encantos, enlevos das salas,
Quizera enlaçal-as perfeitas assim;
E neste ambiente de risos, de gozo,
Traçar primoroso, virente jardim.

Me sobram desejos; se faltam os meios
Nos grandes enleios é muda a alegria;
O vago silencio somente a exprime:
— O arroubo sublime meu peito inebria.

Oh! muda e extatica, contemplo a harmonia
Minha alma á poesia não falla, e ao prazer;
As flores, os carmes que tenho diante,
Aqui, neste instante me dês a colher.

1—1—1875

A AURORA

Das brizas fagueiras o leve bafejo
Na verde folhagem ameno cicia;
Exalça da aurora sublimes encantos
Dos plumeos cantores a grata harmonia.

As flores gentis, abrindo entretecem
Nos vastos contornos da rica natura
A linda grinalda de varios matizes,
Que cinge a manhã, em doce frescura.

Do sol o raiar, em brandos reflexos,
Redoiram-lhe a coma ao leve beijar;
Após breve instante fulgentes, altivos,
Os seus esplendores a vão festejar.

Os novos encantos ostenta, irradia
A face, a belleza da candida aurora;
Reflexos brilhantes em torno se esparzem,
E o dia esmaltado por fim se alcandora.

O nitido orvalho e as flores, e a relva
O astro dos astros inclina, rasteia;
Ardente, garboso, de luz fulgurante,
A aurora enclausura, dourada cadeia.

Janeiro — 1864

A REALIDADE

(No magisterio)

De falso prospecto creando attractivos,
Sonhara no ensino colher a ventura;
Ahi, de prudencia meu calix cheio,
Das gottas lhe esgóto sobeja amargura.

Da angelica infancia, feliz, descuidosa
A' doce innocencia tão pura e louçã
O seu tirocinio com fé redoirando,
Na incerta razão, diviso a manhã.

A voz do imponente dever soberano,
Embora resoe com intenso embaraço
Suffoca-me extremos que n'alma palpitam...
Buscando guiar-lhes seguro seu passo.

Se nessa enfadonha, asperrima estrada,
A debil infancia fatiga-se e cahe,
Que lucta exaustiva!... trabalho afanoso!...
A um tal desalento que é que a retrahe?!...

O empenho baldado no rigido aspeito,
Affavel, risonha pretendo ir avante!
A sombra propicia de ameno descanço,
Não busco, não quero siquer um instante!

*
* *

Limpido céo, outrora tão fagueiro,
De nuvens trêdas vêjo carregado
E não diviso mais aquella estrella
Aquelle sonho tão illuminado.

SONHOS

(O trabalho)

Sonhei de encantos sorridente a vida,
Sempre acolhida a protector regaço,
Entre alegrias que vencendo a idade
Da f'licidade nos alarga o espaço.

Sonhei transportes de sublime enleio,
No grato seio de fórmosa plaga;
Rosas perdidas n'algum mar de leite,
Casto deleite que a ternura affaga.

Sonhei tranquilla, num viver ditoso,
Nesse repouso que embriaga a mente,
Horas de ocio no descanço amigo,
Sereno abrigo do vigor dormente.

Oh! illusão! sempre illusão nos sonhos
Que tão risonhos eu sonhei outr'ora;
Prazer, delicia, atortunado riso,
Tudo diviso no trabalho agora.

Eia, ao trabalho, que a incessante lida
Alenta a vida, refloresce os dias!
Toda inacção é fallecer constante,
— Avante! Avante! em busca de alegrias!

A' MEMORIA DOS HEROES DA LIBERDADE DA PATRIA

Da gratidão a voz altisonante,
Percutindo no ceu, forte e ligeira,
Nunca os heróes da Patria Brasileira
Poderia esquecer um só instante.

A' tyrannia despotica arrogante
Foram-lhe os peitos e animos barreira;
Do generoso sangue onda altaneira
Não deixa aquella proseguir avante.

Oh! que abnegação! que sacrificio!...
Colheram do martyrio a honrosa palma!
— Reflectirá na Patria o Beneficio.

Por tão nobres heroes de altivo exicio
Alta veneração me vibra n'alma :
— Leve a terra lhes seja e o céo propicio !

NO ALBUM DE UMA JOVEM AMIGA

Dos mimos cercada de puros amores,
Respiras as flores que busco affagar,
Nas candidas folhas do Album polido,
Em que me pediste meu nome gravar.

Das auras poeticas os doces harpejos
Trouxeram desejos da accorde vontade;
E logo invocando serena ventura,
Fecunda, segura moveu-se a amizade.

A corda afinada no grato preceito
Se extrema no peito sensivel, bondoso,
E vibra-lhe em notas amenas e santas,
Mais ternas de quantas se afinam no gozo.

São estas as notas da lyra mesquinha,
As notas que tinha no meu coração !
Um éco lhe déste — seu éco prosiga...
Recebe-as, amiga, em doce effusão.

Recife — 1901

NO BAPTIZADO DE UMA CRIANCINHA

As leves auras de subtil fragancia
Perpassam, volvem cordiaes, serenas,
E breve accordam no ambiente placido,
Torrentes gratas de alegrias plenas.

Ali derramam seus accentos mysticos,
Sobre os encantos da maior ventura,
Beijando a fronte da innocencia candida
Que no santo baptismo se depura.

Na communhão celestial, o anjinho
Já póde agora a seus irmãos sorrir,
E as meigas vozes desse côro angelico,
A voz suave no concerto unir.

Na singeleza da mimosa infancia,
Gozos, delicias, sem buscar fruira;
No céo, no espaço, á doce luz fulgente
Recto, caminha a perlustrar seguira.

Da insonte mente desce o riso aos labios
E no curto viver o instincto nasce;

Buscando o collo de maternaes caricias
Enxuga o pranto, que lhe corre á face.

E mais feliz, de puro affecto aos osculos
Alenta, embala o descuidoso sêr,
Sempre ditosa nos floridos páramos
Seja-lhe a vida eterno renascer.

Natal.

A' PEQUENA DEBORAH SOUTO

(Offerecido, no dia do seu Baptizado, aos dignos Paes Dr. Luiz A. Ferreira Souto, Exma. Consorte e aos Paranymphos).

Num berço de rosas, cercado de amores,
De candidas flores, de immensa ternura,
A fronte singela reclina a innocente,
Que ali docemente sorri á ventura.

Na flor dos seus labios mimosos, abertos
Mil beijos, affectos, lhe imprimem os paes !
E o placido anjinho tão meigo, tão lindo,
De novo sorrindo com elles se apraz.

Dos céos o perfume, suave fragancia
O mimo da infancia ditoso respira,
E as gratas essencias, as mais peregrinas
Das plagas divinas na terra esparzira.

As leves bafagens em torno, serenas
Envolvem, apenas, o doce ambiente...

Na fonte lustral de etherea presença
Sublima-se a crença do anjo innocente.

Instantes felizes, faustosos momentos
Accordes accentos em doce effusão...
Momentos ditosos em que a filhinha
O pae encaminha na sacra ablução.

Na lympha sagrada de casta candura
Da tibia natura já limpa dos traços,
Entoam-lhe os anjos mil cantos risonhos,
Recebem-lhe os sonhos nos brandos regaços!

Os mimos, criança, recebas da sorte
Em ledo transporte te embales na vida,
E elevo mil votos aos cimos da Esphera,
Na corda sincera da lyra tangida.

E os paranymphos e os paes extremosos,
Que bebem felizes de enlevos na taça,
Recebam as auras do magico effeito,
Nas vozes do peito em breve prolfaça.

Natal, 18 de Março de 1873.

A MULHER,

sua desdita.

Da mulher o destino, oh Deus, lamento
O seu calix, porém, de angustia acceito...
E na constancia a tenho por sujeito
O meu trato, minha alma e sentimento.

Contra o nosso infortunio nada intento.
Curvado lhe terei o fragil peito,
Embora do martyrio o duro effeito
Da propria vida faça meu tormento.

Apenas vos supplico e só quizera
Merecer-vos a graça da equidade
Que proteje a fraqueza em nossa era.

Muito pouco se pede á divindade.
Mas para elle em graças tudo dera
Essa infeliz porção da humanidade.

A CALUMNIA

.....

As calumnias que soffro, a dor que passo
Não me ferem profundas,
Bem como a rôla que das mattas desce
E nas azas recebe o pó da estrada
Que voando sacode.

GONÇANVES DIAS.

I

O halito infecto, o detestavel sopro
Da vil calumnia, de sobejo alcance
A virtude, a honra no conceito abate
E na mais pura seiva immaculada
Da insonte vida em todo o curso limpida
Contaminando virus inocula,
Ao leve toque de um roçar confuso !
— Immune, embora, no funesto assalto
A um Deus piedoso de justiça plena
Com fé imploro, pelo horror tranzida,
— Maldição, ó meu Pae, ao réo infame!

Maldição! Maldição Senhor potente
Constante volva maldição extrema
Ao baixo ser de tão perverso instincto,
Que do vital principio a custo posso
Crer se animasse pelo vosso impulso,
De grão valor e presciente arcano,
A transformar-se em abominavel ser!

A maldição condemne o autor do crime
Mais torpe, ignobil. — A virtude póde
Nunca tranquilla no seu branco leito
Pudica fronte reclinar por elle :—
Qual negra mancha em crystalino vaso,
Que num instante só, a côr transmuda,
E nol-a mostra opaca ali toldada,
Sempre o contagio da calumnia sordida
Ao doce brilho da candura d'alma
Turva, marêa, aos empestados vicios.

Ao torvo detractor da honra alheia,
Tremendo golpe já desfeche rigido
A mão severa da justiça vossa
E a sêde, o travo que o desprezo excita,
Lhe venha requeimar convulsos labios
Das maguas fundas do remorso. E esse
Voraz abutre de uma acória fome
Lhe devaste e corrôa a consciencia
Que no seio cruel só nutre o monstro
Qual de sinistro aspecto a sombra tétrica,
Um só instante de o seguir não deixe.

Quando, porém, chegar o justo dia,
Embora tibia pelo grande choque,
Possa a verdade á plena luz serena
Erguer-se clara do conceito unanime
Na singeleza de trajar modesto,
Pela evidencia impor-se, assoberbar-se,
Toda radiante do prestigio immenso, —
A ignominia ! A vergonha ! grande opprobrio
Então á iniqua face, á fronte reproba
O sello estampará de atroz castigo.

II

Emanação do Céo ! Verdade, ó santa !
Do excelso Deus mais portentosa filha,
No branco trilho da justiça immensa
Além te aclara, e num sorriso brilha.

Segue, illumina desta vida os passos,
Nunca libertos das paixões malditas;
O intenso facho que dissipa os erros
Só tu ousada pela terra agitas.

Agita! agita luminar centelha!
Pavida a sombra se verá fugir,
E da calumnia as asquerosas fauces
Jamais na honra poderão cuspir.

A luz singela que te exalça a fronte,
Gentil, ornada de sublime encanto,

Desponta aos beijos das propicias auras
As lindas galas do teu niveo manto.

Busquêi trazer-te no confronto a quanto
Procria a mente nos arroubos seus;
Tua face lisa, venerando aspeito
O altar sómente reflectiu de um Deus !

III

Seu brilho, clareza de suaves effeitos,
Não sóe deslumbrar;
Nos gratos assomos exparge a evidencia,
A vem comparar.

Se a duvida paira, se enreda nos folhos
De uma alma descrente,
Da expressa verdade mirifica imagem
Se eleva innocente.

Nos lucidos traços, ao nobre conceito,
Ostenta sublime
A fronte impolluta que só o falsario
Infama, deprime.

IV

O' Senhor, ó meu Pae, do bem o arbitro
Que ao ministro previdente egypcio,

De vossa inspiração discreto em sonhos,
Quizeste preservar, insonte victima
Da dura inveja e perversão fraterna,
Do baixo instincto e da calumnia torpe !
Velae Senhor no tribunal supremo
Pela incauta innocencia descuidosa
Do astuto ardil aos acerados golpes.

Na face em que se estampa a côr dos lirios,
Dos candidos jasmins, puros arminhos,
A calumnia... a mordaz maledicencia
Cuspir affrontas negras, seus ultrajes !...
Oh ! Deus, guardae-a dessa triste sorte,
Tão afflictiva quanto deploravel,
Com a vossa justiça vingadora,
Bem mais sombria do que a escura morte.
— Porque a torpe calumnia monstruosa
Desbota, enluta, muitas vezes mata
Os bons, e rouba-lhes a alegria
Tisnando-lhe a virtude, a honra e o merito;
Sem lhe guardar conceito atira ao abysmo
O coração mais puro e mais perfeito.

Do grão poder Senhor, que vos circumda
A fronte augusta de aureolada gloria,
Tua magestade reflectindo immensa,
Sempre radiante do fulgor ethereo,
Grande, sublime, se revele a imagem

Arremessando sem tardar, ao nada
A calumnia mendaz e torpe e infame,
Elevando a verdade e a singeleza,
Libertas de ciladas, para o sempre!

Natal, Fevereiro de 1871.

AMOR

.....

Amor, delirio, engano
Sobre a terra...

.....

GONÇALVES DIAS.

Se longe, bem longe do mundo illusorio,
Viesse a pousar,
Os gratos accentos de amor extremado
Podera escutar.

A voz estridente, sonante do peito
Que vibra a paixão,
Podera accordar o gelo insensivel
Do meu coração.

Podera-lhe os gozos, as crenças, preceitos,
Constante escrever,
Na taça repleta de amores e enlevos,
A mais não conter.

Sorver-lhe as doçuras de afagos, caricias,
Ternuras e ardor;
Podera nos labios alegres, ditosa
Seus risos compor.

De flores olentes o aroma, a fragancia
Que soem exhalar
Na phase propicia, mais bella da vida
Quizera aspirar.

Quizera, pairando nos plenos dominios
Do roseo ideial,
Fitar, distinguir-lhe o aspeito risonho,
Luzente fanal.

A chamma attrahir, sentir sobre o peito
Ardente paixão,
Não quero, não posso soffrer-lhe os pezares,
Nem mesmo a illusão.

Se longe, bem longe, do mundo illusorio
Viessem pousar,
Os gratos accentos de amor extremado
Podera escutar.

Como áspide occulta perversa entre as flores
Amor se resume !
Infiltra o veneno com tredo disfarce
No doce perfume.

A' mente em delirios, enganos, protestos
Vêm logo turbar
Alegres affectos, sentidos arroubos
D'um ledo sonhar

De chammas ardentes no peito fundida
A bronzea cadeia
Affirma-lhe os zelos, attrahe-lhe os ciumes
Que logo o incendeia.

Rojando grilhões que se abatem pesados,
Procura-os quebrar,
Porém caprichoso simula desejos
Que busca affastar.

CANÇÃO DO ESCRAVO

Desprotegido da sorte,
Entre fundos soffrimentos,
Me irrompem d'alma lamentos,
E aceno á pallida morte.

Miserando rójo triste
Nas vascas de acerba dor;
Sem lar, sem patria e amor,
Só a desgraça me assiste.

Jamais fruí gôzo um instante.
O peito arqueja á tortura,
E as tristezas da amargura
Me fecha o negro semblante.

Do proprio arbitrio privado,
No meu tremendo martyrio,
Nem mesmo em sonho, em delirio,
Venturas tenho affagado.

Do bem a crença perdida,
Sem repouso nem socêgo,

Ao mundo não tenho apêgo...
Oh ! quanto detesto a vida !

A ultima dor me devore
Abreviar-me venha os dias,
Cheios de transes... agonias...
Céos, horror !... a morte... a morte...

Natal, 1886.

A VIRTUDE

Paira a virtude
Nivea, singela,
Qual doce riso,
A' face bella.

Em torno expanda
Encanto ameno,
Pouse ao regaço
Do gozo pleno:

No vasto espaço
Do campo seu,
Sempre sublime
Surgiu, cresceu.

Da singeleza
No claro accento,
Tem a virtude
Vasto elemento.

Os dons sublima
A' grata essencia,

A paz infiltra
Na consciencia.

Alçando os vôos
Além, no espaço,
Da summa gloria
Divisa o traço.

Ascende, exalça
Todo o esplendor,
E assim attinge
Grato valor

E aureolada
Do mor prestigio,
Da felicidade
Sobe ao fastigio

Oh ! san virtude,
Nas minhas preces,
Mesmo entre escolhos,
Não desfalleces.

A CIDADE DE NATAL

(A Amiga D. Anna Corina Moreira Brandão, Consorte do Dr. José Moreira Brandão Castello Branco)

Do Natal em amena plaga,
Vejo ridente a cidade :
Se a deixasse sentiria
No imo peito a saudade.

Volvendo ainda a distancia
No seu encanto attrahente,
Mais funda enlaça minha alma
Esse cuidado pungente.

O Potengy magestoso
Banhando-a, claro, serpeia,
E o verde esmalte da matta
Faz mais alva a branca areia.

No seu vasto ancoradouro
Póde uma esquadra surgir;
Será do commercio emporio,
Não em remoto porvir.

Povoam o pêgo revolto
Azas de velas gigantes;
Rivaes de barcos provindos
De outras terras distantes.

Buscando ricos productos
Propicios á exportação,
As naves nesse cruzeiro
Lhe favorecem a expansão.

Sua ridente, airosa Planta,
De bella perspectiva
Vem a mim, sedùzindo, enleva,
A todo mundo captiva.

Incerto olhar de tristeza
Volvi saudosa a Ribeira,
Por vel-a das ondas mansas
Emergindo prazenteira.

Da segura fortaleza,
Firme guarda destas plagas,
Ha heroismos sem conta
Balouçando pelas vagas !

Limpido céo anilado
Reflecte no argenteo lago,
A cupula de mil estrellas
Que a brisa beija com affago.
Poeticos, vastos contornos,

De florido, mago assento,
Ahi trescalam effusivos,
Ao leve sopro do vento.

Prados, campinas, devezas,
Alto arvoredo frondente,
A saturar os seus ares
Lhe purificam o ambiente.

Trajando nivea cambraia,
Vistosa avulta a collina,
Que num verde supedaneo
Sobranceira se reclina.

Do mimoso alado côro
Ouve-se a doce harmonia,
As cores da natureza
O lindo quadro atavia.

As salsas, túmidas aguas
Ao leve influxo do mar,
Se lhe curvam reverentes,
E as plantas lhe vêm beijar.

O astro gentil refulgente,
Sobre essa liquida prata
O seu esplendor dourado
Num claro espelho retrata.

Oh, quanta ! quanta belleza
Em sua face sorri !

Que dias bellos e alegres
Nesta cidade vivi!

Jamais a meiga lembrança
Deixará de percutir
A triste magua sentida,
A que não posso fugir.

Concentro toda a saudade
Do seu garboso attractivo
No meu coração bem dentro,
Onde estará sempre vivo.

Março, de 1863.

NO ALBUM

da amiga D. Antonia Josepha d'Albuquerque Maranhã, viuva do Dr. João d'Albuquerque Maranhão.

De tua alma entristecida
Possa illudir a saudade
Esta pagina trazida
No regaço da amizade.

Recordem teus aureos dias
Da risonha mocidade,
Tão singelas phantasias,
No regaço da amizade

Dos caros filhos cercada,
E na sua felicidade
Seja á tua contemplada
No regaço da amizade.

As flores murchas diversas
Das que abrolham na idade
São essas, agora dispersas
No regaço da amizade.

Acceita, acolhe-as no peito,
Qual penhor de leadade
Esse novo, exiguo preito
No regaço da amizade.

Outubro — 1891.

A SÃO JOÃO BAPTISTA

Deslumbrante a lua ostenta
O bello, argenteo esplendor;
Resoam gratos, festivos
— Louvores ao Precursor.

Esta lua de ameno encanto,
Qual de um meigo astro de amor,
No mudo accento proclama
— Louvores ao Precursor.

Ditosos filhos da Graça,
Da Graça attentos a flor
Em ledos hymnos entoam
— Louvores ao Precursor.

O sino, ao longe tangido,
Em seu vibrante estridor
No sacro templo annuncia
— Louvores ao Precursor.

Nas margens do rio santo
No baptismo ao Redemptor,

Maiores não echoaram
— Louvores ao Precursor.

Desse vivo enthusiasmo
As raias venho transpor!
E em estos d'alma proclamo
— Louvores ao Precursor.

Natal, 24 de Junho de 1867

NO ALBUM

de uma distincta amiga

As flores viçam mais bellas
Da primavera affagadas,
Pelas brizas bafejadas
Rescendem mais seu odor;
Como a estação rosea daquellas
Na minha alma és, boa amiga,
E assim o affecto me obriga
Aqui meu nome depôr.

Natal — 1865

MELANCOLIAS

Ao estremecido Irmão Joaquim Carneiro d'Albuquerque Gondim

O sol no occaso repousa,
Já se enluta a natureza,
De luz as galas despindo
Reveste summa tristeza.

O escuro dó desse manto,
No qual a vejo vestida,
Em atroz melancolia
Vem sepultar minha vida.

No contraste que distingo
Procuro haver distracção,
Jamais pode á mente exacta
Antepôr-se o coração.

Cogito sobre a mudança,
De tudo, ao bello luar,
Ah, como é vario o destino
No seu constante mudar!

Traja de lucto o horisonte,
Branca lua o alivia;
Da noite mais tenebrosa
Claro sempre surge o dia.

Vacillante na incerteza
Busco na terra um fanal
Aspiro, procuro embalde
Attingir esse ideal.

Nesse excessivo desejo,
Se me trahir a illusão
Meus dias a tredo claustro
Oh! ceos... talvez volverão.

Fugaz... perdida a esperança,
Que agora me enleia a sorte,
Nada me resta na vida
Sinão desejo da morte!

Natal — 1865.

NO ALBUM DE UM JOVEN

Na quadra florida que assomam-te os annos,
No enlevo de arcanos embalas a vida;
Não queiras ouvir-me as notas da lyra
Que vaga suspira de magoas tranzida.

Idéas gracis tu affagas risonhas,
Emquanto tristonhas prepassam as minhas!
Prosegues em busca de louros e glorias,
E eu sem victorias pervago sosinha.

Nos sonhos dourados que affagas agora
Demandas a aurora de grato porvir!...
A seiva inda em flor da idade recolhas,
E do album nas folhas se vá reflectir.

A fronte te cinja de acacia a donzella
Fagueira, singela de encantos toucada;
Feliz hymeneu te dê sempre altiva,
Um'alma captiva na tua enlaçada.

Depois, a ventura nas azas de prata
Expanda em cascata os bens em teus dias;
Docel estrellado te guarde o repouso,
E pleno de gozo á vida sorrias.

A virtude

Adeja a virtude
O singelo riso
Das graças serenas,
Junto ao paraiso.

Devotada, extrema
A cultuar o bem,
A nobre virtude
Se remonta além.

Concentra no seio
O traço em favor,
Quando a humanos seres
Patenteia amor.

Tão amena e grata
Na doce expansão
Se exalça a virtude,
Attrahe o coração.

Natal — 1865.

SAUDADES

Ao Irmão João Carlos d'Albuquerque Gondim

Da saudade punge a magua!
Me afflige, o peito lacera!
Impulso de azas ligeiras
Nos meus suspiros quizera.

A flor da planta sentida,
Que vigora nelle em vão,
Assim houvera impellida
Ao imo peito do irmão.

Alli, num estreito abraço,
Enlançada brandamente,
A extremosa companheira
Jamais estaria ausente.

Vae oh! vae em meus suspiros,
E a um proscripto dos seus
Da saudosa irmã relembra
O terno e ultimo adeos.

AO RIO DAS QUINTAS

Num tapiz bello, ostentoso
Da verde relva florida,
Serpeia, em suave corrida,
Esse regato mimoso,
Que pasma a voz pelo encanto
E na minha rude lyra
Acorda, vibra este canto
Que á mente absorta inspira.

Não tem pontes magestosas,
D'arte capricho apurado,
Nem tão pouco é celebrado
Pelas aguas copiosas;
Attractivos naturaes
O revestem de belleza,
E nelles, como jamais
Esmerou-se a natureza.

No claro, esplendido leito
De nitente prata fina,
Docemente se reclina

Fluido o seu crystal perfeito;
E pelo encanto animado,
Sereno, gracil desliza,
Sempre de manso ondulado
Ao sopro da leve briza.

Da prateada corrente
A mais limpida agua pura,
De amena, grata doçura
Sobre a collina virente
Que lhe dá tributo, escassa,
E não profuso lhe houvera,
Na fonte de summa graça
Da vida a fonte tivera.

Na espessa côma envolvido
De um frondoso arvoredo
O aprazivel campo lêdo
De flores varias cingido,
Ao curso magico offerece
Seu vistoso, ameno, prado
Que em todo o alveo parece
Render-se-lhe enamorado,
E que na copa suspende
Palmas que em ouro resplende

Alli mais outra palmeira,
De agudas armas cingida,
E por ellas defendida,

Qual eriçada trincheira,
Que o dendê na haste abriga;
O seu cacho, ingente espiga,
A' terra jamais se inclina,
Só indefesa á rapina.

Sobre a mangueira frondosa
A ave canora gorgeia
E inveja a rôla saudosa.
Dos aureos pomos se enleia,
E volve alli ao descanço
Talvez a fundos pezares...
O tufão quebra o remanso,
E veloz agita os ares.

Saúda o grato ribeiro
Em seu doce murmurio,
Da corrente no desvio
Esse quadro feiticeiro

Não foi, não foi o direito
De jôrro altivo, possante,
Que tudo levando adiante
Assegurasse o seu leito;
De garbo a força imponente,
Com tanto esmero disposto,

Traçar podera somente
De belleza tal composto.

.....

Das margens fido retrata
O esbelto arbusto virente
Na cristalina corrente,
— Nitido espelho de prata, —
E dos fructiferos vultos
Que nutrem com elle as vidas
Folhagem, sombra dos fructos
Ficam tambem reflectidas.

Aqui um coqueiro annoso,
Do tempo á força curvado,
Pelo zephyro embalado
Mais se ostenta magestoso...
O secco fructo desprende
Do cacho que além sublima,
Que ante si a natura
Produzira a um mago accento —
E o rio leva em mistura
Seu tributo ao salso argento.

Quintas — 1864.

(*) — O vulgo attribuia as aguas desse ribeiro, denominado pelos indigenas, segundo, a tradição "Cacoêma Assú Coêma" e que desliza á distancia de cerca de uma legua da cidade de Natal, a propriedade de embotar, por sua belleza, a intelligencia.

A' MINHA IDOLATRADA MÃE

D. Isabel Deolinda de Mello d'Albuquerque Gondim. Offerecida ao meu estremecido Pae Cel. Urbano Egydio da Silva d'Albuquerque Gondim

Perdi extremos da maior ternura!
Não vive já minha boa Mãe!... oh ceo!
Seu rosto meigo a expandir affectos,
Cobriu da morte o macilento veo!

Orphã, sosinha neste valle iniquo
Procuro-a embalde!... Não a verei jamais!
Na sombra erma da saudade infinda
O pranto affoga meus pungidos ais!

Que vacuo immenso tão sensivel perda,
Irreparavel... Entre nós deixara!
A todo instante me resurge á vista
Aquella imagem tão bondosa e cara.

A face amena, de candura os traços
Trahiu a morte prematura, triste!

O apoio, o arrimo, do infortunio o amparo
Ai, se finou !... e já não mais existe !

.....

Ao peito, assim immerso em funda magua,
Ninguem alivio poderá trazer ;
Acerbas dores e sentido pranto
Na alma oppressa, me farão morrer.

Nas azas niveas da piedade summa
Foi-no trapasse ás regiões celestes;
Do lar no seio o peregrino archanjo,
Despiu da vida as doloridas vestes.

Repousa em paz, bem junto ao excelso throno,
Ahi colhendo da virtude a palma,
Emquanto afflicta a divagar na terra
Concentro as dores no recesso d'alma.

Além se evole em preces ao Empyreo
De meus pezares o angustioso transe!
Na eterna gloria, na mansão dos justos,
Premio condigno o coração alcance.

E lá na campa, santuario augusto,
Ao estremecido filial amor,
Constante irei lhe desfolhar saudosa
Petalas roxas de magoada flor.

As minhas lagrimas regarão a planta,
Os meus cuidados vida lhe darão;
Oh Mãe querida! possa a bençam tua
Ser-me no horto protectora uncção.

Natal — Janeiro de 1874.

UM HYMNO AO SENHOR

No doce trinado das aves canoras,
Da brisa ao cicio e aos beijos da aragem;
Na verde esmeralda da densa folhagem,
Na amena frescura das placidas horas;

No orvalho que em torno derrama e perpassa
O grato perfume dos varios odores;
O mimo que tem a corolla das flores,
Adorno dos campos, sorriso da graça;

No immenso crystal, no espelho dos lagos,
Em que os argenteos peixinhos volteam
E os aureos reflexos mil cores ateam
De altiva belleza no gozo de affagos;

No pego revolto das vagas marinhas
Em flocos de espuma nas ribas quebrando,
Depois vindo a praia num fluxo brando
Beijar as areias trazendo as conchinhas;

Da rica natura no grande esplendor,
No azul lá do céo onde a nuvem fluctúa
No sol esplendente, na placida lua,
Em tudo assoberba-se — Um Hymno ao Senhor!

1872.

SAUDAÇÃO

(Aos Voluntarios da Patria, no regresso da guerra contra o Paraguay, ao offerecer-lhes uma corôa de flores enlaçada por larga fita verde, bordada de amarello, achando-me acompanhada de donzellas e meninas, todas vestidas de branco e engrinaldadas, as quaes entoaram-lhes um Hymno por voltarem victoriosos.)

Bemvindos sejaes a nossa Provincia.
Do Imperio uma estrella tão pouco fulgente,
Por vosso heroismo garbosa luzindo,
Iguala das outras o brilho nitente.

A' sombra dos louros que bravos colhestes
Das marcias fadigas, no féro lidar,
Repousem as frontes, de gloria cercadas,
E os peitos cansados de tanto lutar.

Diffunda-se o arroubo de franca alegria
A' face risonha do grato prazer,
Que logo se expanda nas flores singelas
Que nesta grinalda vos venho trazer.

Aos vossos tropheus gloriosos fulgentes,
Se enlace este indicio de amor fraternal:
A off'renda acceitai, provinda do affecto,
Que é delle o mais tenue, singelo signal.

Ditosa esta plaga recolhe no seio,
De galas repleto, juncado de flores,
Os filhos presados, heroicos, altivos,
Que ouviram da Patria severos clamores.

Saudosos irmãos constantes saudam
De sua bravura fieis emissarios,
Repostos felizes nos lares queridos,
Oh! Vivam da Patria os seus voluntarios.

Natal, 2 de Agosto de 1870.

O MEU ANNIVERSARIO NATALICIO

Offerecido ao Irmão Dr. Manoel Urbano d'Albuquerque Gondim

Nas teclas sonantes dos tempos velozes
Correram as vozes de grave harmonia,
E o breve sussurro de um anno passado
Accorda-me o brado do que principia.

Do éco perdido no magico espaço,
Retorna ao regaço subtil commovido,
Mas logo disperso, confuso, silente,
Não ousa o presente trazer-m'o ao ouvido.

Debalde interrogo successos passados,
As frondes, os prados, o solo ante o céo,
E' tudo implacavel... silencio profundo...
Envolve-se o mundo em túrbido véo.

Em face a esse vasto, monotono assento,
A sorte lamento do escuro porvir,

A um Deus só pertence rasgal-o, antevel-o,
— Não podes sabel-o, precisas sentir.

Dos santos principios, fallando, a minha alma,
De todo se acalma, desejo e vontade
Ao céo renuncio, a ousada sciencia,
Que sua evidencia razão dissuade.

E desta mesquinha, terrena morada,
Subindo a escada do alto Poder,
A elle só peço clamando contrita :
"Um anno na dita deixai-me correr".

Nas teclas sonantes dos tempos velozes
Fugiram as vozes de grave harmonia,
E o breve susurro de um anno passado
Accorda-me o brado do que principia.

Natal.

AO MENINO LUIZ, NO DIA DO SEU BAPTISADO

Assomam propicias, serenas, altivas,
As auras festivas por vós affagadas,
E vão trescalando purissima essencia
Surgir da innocencia na doce pousada.

Ahi louro anjinho, tranquillo, dormente,
As auras não sente com elle brincar,
Mas logo desperta, desperta sorrindo,
Do sonho mais lindo que esteve a sonhar.

Nos folhos da tela mui candida e fina
A fronte reclina mimosa, gentil,
E vê dos encantos a magica rosa
Da mãe carinhosa no meigo perfil.

Ao collo ineffavel de enlevos se atira,
O aroma respira da flor no transporte!
Cingindo ao regaço de lidimos affectos
Sublima-se aos cimos dourados da sorte.

Na fonte das graças, das pompas celestes,
Lavou-se-lhe as vestes do aggravo primeiro,
E a terna vergontea do tronco humanado
Da gloria ao legado fizera-se herdeiro.

Os aureos thesouros das plagas divinas
Das mais peregrinas alfaias do céo
Lhe embalem, deslizem no curso da vida,
Ainda envolvida em mystico véo.

A GLORIA

Dedicado ao distincto sobrinho e afilhado Dr. Isaac Magalhães de Albuquerque Gondim

De fulvos esplendores, fascinante
De encantos sem igual engalonada,
Ao fastigio da honra sublimada,
Meigo, risonho, vejo-lhe o semblante.

Perolas mil no throno radiante
De tantas pompas fôra cumulada,
De applausos e prestigio circumdada,
Na faustosa existencia, deslumbrante.

Em todo tempo grata, appetecida,
Vae soberana aos paramos da historia
Do sereno prestigio revestida.

Immorredoura paira na memoria,
Em aureola de luz sempre envolvida,
A fulgurante, resplendente gloria.

A VIOLETA

Linda flôr, violeta bella,
De gentil, mimoso aspeito,
Attrahiu-me teu encanto
O singelo, casto peito.

Qual folha eburnea, velada
No santuario de um templo,
Assim teu perfil revejo,
Da modestia raro exemplo.

Ambições tu não conheces
No teu recatado abrigo.
E, nessa alfombra discreta,
Vive a virtude comtigo.

Raro perfume, a fragancia,
Que exhalas pelo ambiente,
Desperta a corda da lyra
Ha tanto tempo silente.

Pousaste ahi lêdos carmes,
De risonha, amena graça !

E, em notas desatadas,
O teu perfume perpassa.

Das flores a primasia
Conferida á meiga rosa,
Passou um dia ficando
Nessa florinha mimosa.

Palpitando aos teus encantos,
Meu sensivel coração
Louva em carmes commovidos
Tua excelsa perfeição.

Engenho Ribeiro em Papary — 1863.

SENTIMENTOS DE PEZAR

A' amiga D. Genezia da Costa, no setimo dia do passamento de sua estremecida Mãe, D. Vicencia Olegaria Coelho da Costa

A dor pungente que te rasga o peito
E' muita!... oh! sei quão vehemente, funda;
Porem jamais lhe houvera alivio o pranto,
Todo esse pranto que em tua face inunda.

Emquanto afflicta sobre a terra vagas,
Nessa orphandade a proseguir saudosa,
A mãe querida de piedade um anjo
No ceu repousa da mansão ditosa.

Altos mysterios! oh secreto arcano!
A magua extrema te afogara o peito
Em dores, penas, afflicções e... luto!
Tenhas em troca lá no céo um throno.

Um Deus propicio que tirar-te aprouve
Aquella boa mãe, constante amiga,

Te envie bondoso, paternal conforto,
Balsamo doce que o soffrer mitiga.

Cultiva a planta que vigora nalma
O terno impulso do sincero amor;
E das virtudes do materno trilho
Zelosa abriga a arroxeada flor.

De quanto affecto lhe votara immenso
O doce laço apertarei comtigo;
Em romaria santa iremos tristes
Saudades esparzir no seu jazigo.

Depois ergamos fervorosas preces
Na intensa voz do coração pungido;
Só ellas podem nos trazer consolo,
Do acerbo golpe momentaneo olvido.

Natal — Novembro de 1870.

A' SOBRINHA E AFILHADA ISABEL GONDIM CABRAL

no dia do seu baptisado

Offerecida á sua Mãe, minha Irmã Candida Gondim

Sorrindo ás graças da singela infancia,
Pairas, anjinho, a contemplar matizes
Dos ledos sonhos, das imagens fulgidas
Nos breves dias que assim vão felizes.

Ainda livre de rigores tetricos,
Que são da vida seus fataes espinhos,
Por ella corres nos enlevos placidos
De tantos beijos, maternaes carinhos.

As leves formas do corpinho flacido
Vela o regaço de gentil ternura;
Todos te amimam, te affagam, querem,
Oh! quanto arroubo! que feliz ventura!

Goza, meu anjo, as ideaes caricias,
Tua existencia siga assim ditosa;
Entre os sorrisos, o prazer, o jubilo
Na vida colhas a mais linda rosa.

Aquella rosa da virtude santa
Sempre radiosa no virente ser;
Revive ao sopro dos aliseos patrios
Mais bella ainda nesse alvorecer.

A' santa Pia de aguas lustraes mirificas
Guiei contente a delicada fronte;
E agora, rogo a Deus, contricta e supplice
Que sejas pura como é pura a fonte.

1.º de Janeiro.

A INVEJA

Inveja torpe, de execrando aspeito,
Paixão maldita que deprime e abate
Quanto possa existir de justo e santo
Neste misero valle triste e escuro,

A tudo attinge seu nojento visco.
Irmã do crime, da protervia insana,
Das preclaras virtudes e alto merito,
Nada é poupado nesse torvelinho
E não ha resistir á garra adunca
Dessa implacavel inimiga accerrima,
Que tanto póde nossos dons melhores
Atroz manchar na impiedosa faina.
Eu te evito e te despreso e odeio,
Filha execranda das avernas furias
E mais que furia, perniciosa e immunda
Repulsiva megera abominada
Quanto devêras ser, quanto o mereces,
Sinistra Inveja de trevosa fama.

Nas sombras densas de odiosa trama
A inveja occulta, da Pureza as fórmas

Lindas, singelas de brancura extrema,
Envoltas em modestia, descuidadas
Dos seus botes crueis e impiedosos.
E ella, acurvada, taciturna a fronte
A face hirsuta descarnada, livida
O aspecto terroso, macilento,
Tal como Apelles, o pintor helleno
Desenhara na téla da calumnia,
Pelos tenues fios de infantil madeixa
A innocencia arrasta tibia e incauta,
Sob a figura de angelica criança,
E em tredos botes acommette, assalta
Todos os bons... Oh, miseranda inveja,
Sempre embuçada no silente arcano
De benevolo riso feiticeiro
Mensageiro de enganos fementidos
E da maldade nunca separada!

E o que se inclina ao tragico demonio,
Nesse triste fadario malfasejo,
A que o monstro sem perdão arrasta
Pelos ermos vasios da existencia
Sem lar e sem amor e sem repouso
Da maguas e afflições constante, presa,
Ao martyrio votado, confrangido —
Padeça fome e sede e a dura mingua
De quanto possa ter de bom a vida.
Tudo lhe falte! Todos os desejos
Sejam frustados e no mais feio abysmo

De horrores em horrores vá rolando,
Sem jamais compaixão achar na terra
E na região altissima do espirito
Ternura não encontre e nem amparo
Nem piedade, nem excusa ás culpas
De sua innata maldade allucinada
E que seja o castigo inexoravel
Ao maldito que á inveja escravisou-se.

As penas, ancias, soffrimentos, dores,
A alma lhe cruciem sem descanço
E que a alma corrompida e miseranda
Mais perturbada seja dia a dia
Mais constrangida e oppressa e angustiada!
Oh desespero! execração! oh lastima!
Constante padecer, agudos transes,
Acompanhando-o pela vida afora,
Não se limitem a lhes seguir a vida,
Mas sejam elos de uma atroz cadeia
Que lhe attinja remota descendencia.

Do sombrio poeta, o illustre Dante,
Na Divina Comedia, inimitavel,
Aquelle horrivel, pavoroso inferno
O mais concentrico, apertado circulo,
Seja-lhe atroz castigo merecido,
Onde se extorsa em chamm s comburentes
E assim lhe expurgue essa paixão nefanda.

Como a anhelar o florentino vate
O ceo diaphano nos singelos olhos
Da candida Beatriz, sua querida,
"Arda, blaspheme, anceie e desatine"
Por um confôrto, alivio, um refrigerio
E apenas tardo sobrevenha, evoque
Frio arrependimento a pungir n'alma.

Triste vagando nesse mar de angustia,
Postergue a vida assim tão desgraçada,
Sinta o terror de desastroso termo.
Oh, morte, oh!, morte, o vil supplique e implore
E como tarde ella, como tarde,
As sombras negras o apavorem, sigam
Até que se lhe desprenda a vida infame,
E na etherea e lucida morada,
Onde a justiça pôs sereno assento,
Lhe seja decretada escura pena
Castigo eterno, renovado sempre,
Nunca mais auferindo paz nem goso!

O INVEJOSO

Foi, no dizer da Biblia,
Por ter muito invejado, que ao Averno
Jehovah condemnou e fez maldito
Satanaz, a quem deu castigo eterno.

E então, em face
Do grande Empyrio, de esplendor celeste,
Com vil intento, Satanaz visita
O Paraiso, e contra Adão investe.

Procura destruir essa obra prima
De Deus, o Ser humano, em plena luz
Suggere a inveja a Adão que a tal fraquesa
Eva, castissima, sem pensar, induz!

Inveja! perversão tão bem descripta
No Paraiso de Milton, o grande vate,
Principio máo que ao bom sentir do homem
Nas trevas da desgraça, dá combate!

Oh! misera paixão! Inveja torpe
De quantas dores és capaz:

Fundos remorsos, desditosas penas,
Quantas miserias teu sorriso traz!

Seja o invejoso perseguido sempre,
Que é reprobo maldito:
Tudo lhe seja horrivel e máo e escuro,
Soffra até ao infinito.

Satan, perfido anjo, alma execrada
Nojento reptil, venenosa serpe,
Não teve mais descanço nem abrigo.
Que o invejoso, seu filho predilecto,
E, como elle, traiçoeiro e perfido,
Soffra peior castigo!

A MUSICA E A POESIA

Que suaves accentos irrompem nos ares,
Ao som dos cantares de accorde harmonia!
O enlevo, o arroubo que em torno perpassa
Transportes enlaça, deleita, extasia.

Encantos promove de magico accento,
No doce instrumento a um leve roçar;
As notas do intimo se expandem singelas,
No espaço com ellas se vão abraçar.

Ao grato concerto se irmana ridente
Minha alma contente... Que doce ventura!
Das auras subtis, perfumes, harpejos,
Imprimem-lhe beijos de extrema ternura.

Pairando sublime nas azas da briza
Attinge a divisa das vozes celestes
Poeticos rythmos as lucidas galas
Ameigam-lhe as fallas, adornam-lhe as vestes.

Na amena doçura dos beijos constantes,
As ternas amantes se fallam alli;
Respiram encantos, de mimos toucadas,
E as lindas grinaldas ostentam em si.

Oh! quanto attractivo no puro regaço!
Desprende-se o laço de alegre brincar
E as niveas corôas por elle seguras,
Ainda mais puras, se esfolham no ar...

NO ANNIVERSARIO NATALICIO DO SOBRINHO FIRMINO GONDIM CABRAL

Correndo a novos triumphos,
Em busca aos annos em flor,
Vaes alegre e prazenteiro
Da juventude no albor.

Prosegue em tua carreira,
Qual rosa ainda em botão,
Da f'licidade volvendo
O aureo e lindo condão.

Hoje, dia anniversario
Do teu fausto natalicio,
Seja-te em longo percurso,
Cada anno mais propicio.

Jamais por syrtes, abrolhos
Sejam feridos teus pés;
Varras da sorte os espinhos,
Cinjam-te a fronte laureis.

Natal, 29 de Maio de 1888.

A SOBRINHA E AFILHADA ISABEL GONDIM CABRAL

(No seu 5.º anniversario natalicio)

. . . . . .

Para bem longe a tristeza...
Valem mais ledos enganos!
Bem haja a pura amizade
Que hoje me festeja os annos.

THOMAZ RIBEIRO.

Estrella propicia, brilhante, fagueira,
Te guie a carreira, da luz aos arcanos;
O céo, lindo, azul, no vasto horisonte
Deslumbre, desponte, seguindo-te os annos.

Apenas um lustro venceste no espaço,
No casto regaço venturas te embalem;
Os mimos, as flores, os roseos encantos
Dos gozos mais santos oh! sempre te fallem!

Angelicos seres de azas de ouro,
Sustendo o thesouro de prendas gentis
Osculem-te a face, adejem-te aos sonhos,
E accordem risonhos a idade feliz.

O curso da vida te guarde innocente
Virtude somente se vá reflectir;
Do riso mais doce se inunde teu rosto
Jamais um desgosto lh'o possa cobrir.

Natal, 5 de Novembro.

VENTURA

Nas orlas douradas do casto horisonte
Fagueira de encantos, amena e gentil,
Da meiga ventura reclina-se a fronte,
Da rosa ostentando mimoso perfil.

De gratos perfumes purissima essencia,
A mais odorosa, que mais enebria,
A vida nos enche de gosos e sonhos,
Prazeres sem conta desperta á porfia!

N'um céo de saphiras disperso e brilhante
De estrellas lusentes em flocos de prata,
Sereno engastado — seu lindo semblante
Semelha talvez, mas nunca retrata.

Em leito de flores, macio, embalado
Aos sonhos mais lêdos do roseo prazer,
De galas subtis, aos mimos fadado,
A aurea ventura vae prestes volver.

Que seja constante, festiva e perfeita
Aos que usufruem suave existir;

E em graça risonha jamais contrafeita
O rico thesouro a venha esparzir.

O manto da tela de vivo relevo
Em ouro e azul degalas tecido,
Propicia ventura, dulcifico enlevo
Distenda a quem haja seus dons merecido.

INDICE

	Paginas
A quem me ler	3
Adeus a Papary	7
A' Sapho	10
A saudade	12
A' memoria do Padre João Maria Cavalcante	16
A minha infancia	17
As cidades	20
O meu retrato	23
As manhãs no sitio das Quintas	24
A sobrinha Candida Gondim Cabral	28
A' despedida	30
Os meus soffrimentos	33
O meu livro d'alma	35
A enferma	37
Impressões da minha terra	39
A joven amiga Maria Luiza d'A. Maranhão	41
Recitativo	42
A aurora	44
A realidade	46
Sonhos	48
A' memoria dos heróes da Liberdade da Patria	50
No album de uma joven amiga	51
No baptisado de uma creancinha	52

A' pequena Deborah Souto 54
A mulher 56
A calumnia 57
Amor 63
Canção do escravo 66
A virtude 68
A cidade de Natal 70
No album 74
A São João Baptista 76
No album de uma amiga 78
Melancolias 79
No album de um joven 81
A virtude 83
Saudades 84
Ao Rio das Quintas 85
A' minha idolatrada Mãe 89
Um hymno ao Senhor 92
Saudação 94
O meu anniversario natalicio 96
Ao menino Luiz, no dia de seu baptisado 98
A gloria 100
A violeta 101
Sentimentos de pesar 103
A' sobrinha e afilhada Izabel Gondim Cabral 105
A inveja 107
O invejoso 111
A Musica e a Poesia 113
No anniversario natalicio do sobrinho Firmino G. Cabral 115
A' sobrinha e afilhada Izabel Gondim Cabral 117
Ventura 118


EDITORIAL DUCO